
Baptista, Carla (org.) (2017). *A Cultura na Primeira Página: Uma Década de Jornalismo Cultural na Imprensa em Portugal*. Lisboa: Escritório Editora. (190 páginas). ISBN 978-989-8507-52-5

Jaime Lourenço



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cp/2091>

DOI: 10.4000/cp.2091

ISSN: 2183-2269

Editora

Escola Superior de Comunicação Social

Referência eletrónica

Jaime Lourenço, « Baptista, Carla (org.) (2017). *A Cultura na Primeira Página: Uma Década de Jornalismo Cultural na Imprensa em Portugal*. Lisboa: Escritório Editora. (190 páginas). ISBN 978-989-8507-52-5 », *Comunicação Pública* [Online], Vol.13 nº 24 | 2018, posto online no dia 30 junho 2018, consultado o 23 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cp/2091> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cp.2091>

Este documento foi criado de forma automática no dia 23 setembro 2020.



Comunicação Pública Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Baptista, Carla (org.) (2017). *A Cultura na Primeira Página: Uma Década de Jornalismo Cultural na Imprensa em Portugal*. Lisboa: Escrit'orio Editora. (190 páginas). ISBN 978-989-8507-52-5

Jaime Lourenço

REFERÊNCIA

Baptista, Carla (org.) (2017). *A Cultura na Primeira Página: Uma Década de Jornalismo Cultural na Imprensa em Portugal*. Lisboa: Escrit'orio Editora, 190 páginas, ISBN 978-989-8507-52-5

- 1 O livro *A Cultura na Primeira Página* é o culminar de um projeto de investigação com o mesmo título que se dedicou a estudar a representação jornalística da cultura nas primeiras páginas dos jornais portugueses entre 2000 e 2010. O projeto teve como principal objetivo “avaliar em que medida o jornalismo cultural praticado nos jornais portugueses, na primeira década do século XXI, reflectia as transformações registadas no jornalismo e no país” (p. 7). Esta investigação revelou-se de uma enorme relevância, visto ter sido das primeiras a dedicar-se à reflexão sobre a prática do jornalismo cultural em Portugal, estudando as primeiras páginas dos jornais diários *Público*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã* e *Jornal de Notícias*, do semanário *Expresso* e da revista *Visão*, entre 2000 e 2010. Este foi um período conturbado para a cultura e para o jornalismo no país, com um decréscimo do investimento público destinado ao setor cultural e uma diminuição do espaço dedicado à cultura nos jornais portugueses (que continua a

alastar-se ainda hoje). Daí a pertinência de uma investigação aprofundada que percebesse, reflectisse e questionasse os caminhos que têm estado a ser trilhados no campo do jornalismo cultural nos últimos anos em Portugal, à semelhança de pesquisas noutros países sobre a mesma temática¹.

- 2 O livro está dividido em sete capítulos que, em certa medida, se vêm juntar aos textos que já haviam sido publicados no caderno de reflexões do projeto, editado em 2014, complementando-os. Os tópicos em análise no livro são: o olhar reflexivo da atual cobertura jornalística de temas culturais; a apresentação e análise dos resultados do projeto que deu origem a este volume; as tentativas de definir e traçar as tendências do jornalismo cultural; o papel dos *media* durante as Capitais Europeias da Cultura; a presença dos escritores nas páginas dedicadas à cultura; e ainda o panorama económico do jornalismo cultural.
- 3 Podemos, talvez, dividir a obra em duas partes. Os dois primeiros textos têm características distintas dos restantes que compõem o volume, uma vez que são ensaios – um da autoria de Enrique Bustamente e outro de João Barrento, ambos convidados a participar neste livro –, enquanto que os restantes capítulos são da autoria das autoras do projeto.
- 4 O capítulo 1, de Enrique Bustamente, com o título “El periodismo contemporaneo y la cultura”, propõe-se descortinar qual o papel da cultura no jornalismo contemporâneo ou, dito de outro modo, qual o tratamento da cultura por parte do jornalismo nos últimos anos. Bustamente considera que o valor informativo se sobrepôs ao valor cultural no campo do jornalismo cultural, onde os textos e as obras são conjugados com o nível de popularidade dos autores, chegando mesmo ao extremo de a morte de um artista ser entendido “como um verdadeiro acontecimento cultural” (algo que faz saltar o tema para as primeiras páginas dos jornais). Com este processo, os críticos e os intelectuais perdem progressivamente o seu espaço e são alvo da força económica das indústrias.
- 5 Bustamente tem uma posição bastante crítica, uma vez que a presença do género de excelência do jornalismo cultural – a crítica – se tem dissipado, dando lugar aos *entertainers* e aos *tops* de vendas dos produtos *mainstream*, de autores *mainstream*, baseados no princípio de que são estes os autores e as obras que o público quer. Neste sentido, o autor confere um “papel travestido” ao atual jornalismo cultural, uma vez que espelha um sistema de cultura massiva que veio alterar profundamente os espaços de crítica e o papel do próprio crítico. “Antes era um *gatekeeper*, um guardião da fronteira entre a arte e o *entertainment* e um *tastemaker*, aquele que definia o gosto. Agora é um ‘mediador’ do *entertainment* (...), aquele que decide as modas e o *buzz*, acompanhando os gostos do público”² (p.23).
- 6 No segundo capítulo, intitulado “O silencioso trabalho das chamas e a pirotecnia cegante: obra e crítica no mundo contemporâneo”, João Barrento refere que o jornalismo cultural deve transportar a relação entre dois pólos: a obra e a crítica. Segundo o autor, está-se, por um lado, a assistir ao desaparecimento da reflexão crítica, substituída por uma visão superficial, ligeira e festiva da obra em análise/ interpretação, e, por outro, a informação sobre a obra é apresentada de forma redutora. Barrento, que segue a mesma visão crítica de Bustamente, afirma que atualmente as temáticas culturais estão alinhadas em “estratégias (comerciais, de captação de público, autopromocionais, espetaculares) que condicionam o leitor, mas nem sempre abrem ou iluminam as obras” (p. 35). Refere ainda que vivemos num paradoxo, estando nós

inseridos numa civilização ininterruptamente ligada à imagem e ao ruído, mas que, no entanto, é notória a incapacidade de ver e ouvir, nomeadamente ver e ouvir além daquilo que nos é apresentado pelos meios de comunicação. Barrento termina afirmando que “o lugar da cultura, da arte, da obra, naquilo que lhe é mais próprio, provavelmente nunca esteve no centro dos interesses jornalísticos” (p. 40).

- 7 A segunda parte do livro é dedicada às principais conclusões do projeto e abre com um texto da coordenadora, Carla Baptista. Em “Jornalismo cultural em Portugal – Retrato de uma década e projecções para o futuro”, a autora começa por referir que “a tentativa de compreender o jornalismo cultural não pode ser separada de uma reflexão mais alargada sobre o próprio jornalismo” (p. 43). Não podendo dissociar um do outro, é necessário perceber o contexto que o jornalismo atravessou nos anos analisados (e ainda atravessa), passando pela diminuição do espaço dedicado à cultura nos jornais, pela extinção de suplementos culturais, pela diminuição do número de jornalistas nas secções de cultura das várias redações, e ainda por um abandono progressivo do “paradigma estético” (p. 47) que orienta a cobertura jornalística para a reflexão e para o debate, substituído pela simples informação e divulgação (‘paradigma jornalístico’).
- 8 Podemos adjetivar como apocalíptica (na aceção de Umberto Eco³) a conclusão que Baptista tira sobre o estado do jornalismo cultural: “o jornalismo cultural já não se posiciona como recurso que ajuda as pessoas a fazer escolhas com sentido entre ‘*cultural commodities*’, antes parece promover decisões impulsivas, baseadas em critérios distantes de qualquer valoração artística” (p. 72).
- 9 O capítulo de Dora Santos Silva e Marisa Torres da Silva, intitulado “Definições, tendências e marcas discursivas do jornalismo cultural”, procura responder à seguinte interrogação: “Como podemos definir, hoje, jornalismo cultural?” (p. 87). A resposta passa por o jornalismo cultural se traduzir num “campo complexo, heterogéneo, que admite na sua essência as manifestações artísticas, mas também as antropológicas e, mais recentemente, os modos de vida” (p. 103). Este é um campo em que os temas são alvo de uma reflexão, informação e análise. Note-se que o jornalismo cultural se estendeu nos últimos anos a uma lógica de entretenimento, de lazer e dos modos de vida.
- 10 As autoras identificam quatro principais tendências do jornalismo cultural: 1) O esbatimento de fronteiras entre o jornalismo cultural, de *lifestyle* e de serviços; 2) O novo papel performativo do jornalismo cultural, que adiciona a dimensão do consumo à dimensão reflexiva, pedagógica e democratizadora; 3) A emergência de áreas como a moda, o *design* ou a gastronomia, apesar de as manifestações que ocupam maior espaço nos jornais serem a música, o cinema e a literatura; e 4) A dependência das indústrias culturais e da sua agenda, principalmente das áreas que detêm poderosas máquinas de *marketing* associadas (como o cinema ou a música). No final, as autoras, no sentido da promoção de um debate alargado na academia, mas também no próprio jornalismo, deixam algumas interrogações que merecem reflexão: “Como irá [o jornalismo cultural] continuar a marcar a diferença de forma sustentada, no novo ecossistema digital” (p. 104) e como será preservada a identidade do jornalismo cultural?
- 11 O capítulo 5, de Maria João Centeno, “As Capitais Europeias da Cultura para o envolvimento e a participação. O papel dos media”, descreve a cobertura jornalística dos eventos Capital Europeia da Cultura Porto 2001 e Guimarães 2012 como tendo tido “pouca análise, pouca crítica e reduzido debate de ideias” (p. 116), indo ao encontro daquilo que é praticado no panorama nacional. Na cobertura jornalística das duas

edições do evento foi notório o aparecimento do género roteiro (principalmente na edição de 2012) e o desaparecimento das reportagens de fundo. Esta é uma opção editorial em que o tratamento dos bens culturais associados a uma lógica de consumo e de ocupação de tempo livre “teima em promover o consumo rápido e o desgaste imediato” (p. 119), abandonando assim a lógica reflexiva, interpretativa e pedagógica para um jornalismo de entretenimento que oferece propostas para os tempos livres a um ritmo acelerado.

- 12 Em “Retratos de escritores na primeira página”, Teresa Mendes Flores analisa a relevância que é dada aos autores no jornalismo cultural, nomeadamente no campo literário, tendo como objeto de análise os retratos fotográficos de escritores. O jornalismo cultural, bem como a crítica especializada, constituem-se como peças essenciais na edificação de um artista, cujo impacto aumenta à medida que este é credibilizado pelos *media*. Segundo os dados do projeto, 72% das histórias que foram manchete entre 2000 e 2010 nos jornais analisados são protagonizadas por artistas individuais ou coletivos, nomeadamente das áreas mais populares (música, cinema e literatura). A acompanhar a presença dos autores nos *media*, é constante a fotografia, sendo que 85% das manchetes analisadas recorrem a fotografias. Estas advêm, em grande medida, de promotoras de eventos ou de agências noticiosas, sendo que o mesmo não se verifica na área da literatura, onde há uma preocupação em realizar sessões fotográficas com os escritores, desempenhando “um lugar visual importante neste género jornalístico [entrevista] que pretende dar a conhecer as visões do mundo do entrevistado e, quase sempre, traçar-lhe o seu perfil” (p. 143).
- 13 O último capítulo, da autoria de Celiana Azevedo, tem como título “Cultura e fatores económicos: Mudanças no modelo cultural em Portugal” e foca-se na cobertura cultural por parte do *Diário de Notícias*. A partir do mais antigo diário português, o objetivo da autora é compreender “a história social do jornalismo cultural, levando em consideração as transformações ocorridas nos *media*, na economia e no ambiente português” (p. 171). Para Azevedo, o *Diário de Notícias* vive uma “oscilação entre o jornalismo cultural de entretenimento, superficial, tendo as agências de notícias como única fonte de informação, e o jornalismo cultural trabalhado com assuntos e peças bem desenvolvidas” (p. 187-188). É neste sentido que a presença de temas culturais está em grande medida assente numa divulgação de produtos, principalmente livros, discos e filmes. O jornal diário aqui tomado como objeto de análise reflete o panorama do jornalismo nacional, que atravessa uma crise financeira (e não só), mas que, por motivos económicos, teve de cortar custos (colaboradores, número de páginas, etc.), colocando em causa a qualidade da informação que apresenta – o tratamento desenvolvido e reflexivo de matérias culturais vai escasseando.
- 14 A leitura desta obra deixa-nos um conjunto de interrogações sobre as quais importa, do nosso ponto de vista, refletir: que jornalismo cultural queremos em Portugal? Protegemos a sua génese e as suas características fundamentais ou deixamos que esses princípios se percam numa fusão com uma lógica consumista e promotora de estilos de vida? Importa também equacionar o impacto do digital no jornalismo cultural. Quais as ameaças e as vantagens desta realidade a que já hoje assistimos?
- 15 Seria interessante e relevante que um novo projeto de investigação reflectisse e analisasse estas questões e que, tendo em conta este panorama, apresentasse propostas concretas para o futuro do jornalismo cultural em Portugal.

NOTAS

1. A investigação já desenvolvida sobre jornalismo cultural em países como a Dinamarca, a Finlândia, a Noruega ou a Suécia pode ser consultada em: Kristensen, N. e Riegert, K. (org.) (2017) *Cultural journalism in nordic countries*. Gothenburg, 1st ed. Nordicom University of Gothenburg.
 2. É o que refere Frédéric Martel em *Cultura Mainstream* (2011), citado por Enrique Bustamente. Tradução do castelhano da responsabilidade do autor.
 3. Na obra *Apocalípticos e Integrados*.
-

AUTORES

JAIME LOURENÇO

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa
Instituto Universitário de Lisboa
jaimelourenco@me.com